



## Monumento Nacional ao Imigrante Brasileiro: história, turismo e conflitos em Caxias do Sul (RS), Brasil

## National Monument to the Brazilian Immigrant: history, tourism and conflicts in Caxias do Sul (RS), Brazil

## Monumento Nacional al Inmigrante Brasileño: historia, turismo y conflictos en Caxias do Sul (RS), Brasil

Rosana Peccini<sup>1</sup>  
Susana Gastal<sup>2</sup>

Recebido em: 30 set. 2024  
Aceito para publicação em: 1.º nov. 2024

**Resumo:** O Monumento Nacional ao Imigrante Brasileiro, de autoria do escultor Antônio Caringi, foi inaugurado em 1954, em localização que lhe confere visibilidade urbana e turística na cidade de Caxias do Sul (RS), Brasil. Os processos que envolveram sua concepção e instalação, entretanto, ainda carecem de registros acadêmicos mais consistentes. O presente artigo objetiva compreender o contexto histórico, social e político que acompanhou a sua concepção, execução e instalação, assim como a sua

<sup>1</sup> Mestra. Doutoranda em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul. Pesquisadora da Secretaria Municipal da Cultura, Caxias do Sul. Integrante do grupo de pesquisa Mundo Móvel Turismo, Hospitalidade, Cultura e Gastronomia em Mobilidades.

<sup>2</sup> Doutora. Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Bolsista Produtividade CNPq 1D. Coordenadora do grupo de pesquisa Mundo Móvel Turismo, Hospitalidade, Cultura e Gastronomia em Mobilidades.

incorporação como atrativo turístico na referida cidade. A metodologia é qualitativa descritiva com pesquisa documental em jornais da época, aqui resgatados como fontes primárias, e outros documentos acessados no Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, localizado no mesmo município. Os resultados indicam que a instalação do monumento não foi pacífica, mas acompanhada por polêmicas e que, na atualidade, ele estaria subaproveitado tanto para o turismo como para outras práticas museológicas.

**Palavras-chave:** História; turismo; Monumento Nacional ao Imigrante; Caxias do Sul.

**Abstract:** The National Monument to the Brazilian Immigrant, a sculpture by Antônio Caringi, was inaugurated in 1954, in a location that gives it urban and tourist visibility in the city of Caxias do Sul (RS), Brazil. However, the processes that involved its conception and installation still lack more consistent academic records. This article, therefore, aims to understand the historical, social and political context that accompanied its conception, execution and installation, as well as its incorporation as a tourist attraction in that city. The methodology used was the descriptive and qualitative one, with documentary research in newspapers of the time, rescued here as primary sources, and other documents accessed through the Memory Bank of João Spadari Adami Municipal Historical Archive, located in the same city. The results indicate that the installation of the monument was not peaceful, but accompanied by controversy, and currently it would be underused both for tourism and for other museum practices.

**Keywords:** History; tourism; National Monument to Immigrants; Caxias do Sul.

**Resumen:** El Monumento Nacional al Inmigrante Brasileño, diseñado por el escultor Antônio Caringi, fue inaugurado en 1954, en un lugar que le da visibilidad urbana y turística en la ciudad de Caxias do Sul (RS), Brasil. Sin embargo, los procesos que involucraron su concepción e instalación aún carecen de expedientes académicos más consistentes. Este artículo, por tanto, pretende comprender el contexto histórico, social y político que acompañó su concepción, ejecución e instalación, así como su incorporación como atractivo turístico en dicha ciudad. La metodología usada fue la cualitativa y descriptiva, con investigaciones documentales en periódicos de la época, aquí rescatadas como fuentes primarias, y otros documentos accedidos por medio del Banco de Memoria del Archivo Histórico Municipal João Spadari Adami, ubicado en la misma ciudad. Los resultados indican que la instalación del monumento no fue pacífica, sino que estuvo acompañada de polémica, y actualmente él estaría subutilizado tanto para el turismo como para otras prácticas museológicas.

**Palabras clave:** Historia; turismo; Monumento Nacional a los Inmigrantes; Caxias do Sul.

## INTRODUÇÃO

História e turismo inter cruzam-se, entre outros, no planejamento turístico (que deve considerar a História local) e em propostas de roteirizações, quando lugares e objetos significativos das trajetórias do lugar são alçados à condição de “atrativos” a serem visitados por turistas. Não raro, os itens roteirizados envolvem memórias sociais e expressões culturais caras às comunidades, situação em que sua utilização poderá fragilizá-las ou mesmo levar ao apagamento de suas legítimas expressões. Na atualidade, cada vez mais as memórias tradicionais – aquelas com raízes no território, em suas

fidelidades e invenções – se juntam às neomemórias, como as expressas em muitos museus contemporâneos<sup>3</sup>.

Em alguns casos, a associação entre História e turismo pode abrir espaços de visibilidade pública para que objetos e expressões culturais de grupos excluídos do registro histórico oficial ganhem visibilidade. Tal situação pode envolver exclusões por razões de gênero, etnia ou mesmo por suas raízes periféricas ao centro social hegemônico e, ato contínuo, sem direito ao registro e/ou à [re]construção institucional de seu próprio passado. A tais condições, outras poderiam ser acrescentadas, como certos oportunismos que levam à inclusão da palavra “museu” para designar espaços expositivos nem sempre pautados em memórias (Gastal, 2010). Como essa não é a situação do Monumento Nacional ao Imigrante Brasileiro, tratar-se-á aqui da reconstituição dos processos de concepção, realização, instalação e turistificação associados a esse monumento, cujas disputas envolveram justamente conflitos de poder sobre quem poderia ser nele representado.

A palavra monumento – em latim *monumentum* – derivaria de *monare* ou *monio*, no sentido de revelar, predizer, sinalizar, advertir. “Normalmente, a conotação do *monio* é a de que ele revelava os perigos, portanto era especialmente nefasto, com as ameaças. [...] indicação do mal” (Sevcenko, 1998, p. 139). Na mesma origem etimológica estariam *monstrum*, como coisa ruim, admoestação e premonição, ambas como aviso de perigo. Esse último significante acompanharia a ideia de monumento anterior à ascensão do urbano como importante fenômeno sociocultural. Naquele momento, remeteria a menires, dolmens ou estelas situados ao longo dos caminhos, para orientar (logo, para proteger) os viajantes (Correia, 2010).

Ao longo da Idade Média houve urbanização do monumento, inicialmente associado ao religioso – caso das igrejas, com suas torres e sinos. O Renascimento desvinculou sagrado e profano, dando significado cultural ao monumento, vendo como tal o legado greco-romano. Novo momento significante veio com a Revolução Francesa, ancorado na figura do Monumento Nacional, ao apropriar prédios e objetos privados da extinta aristocracia, para passar a tratá-los como patrimônio coletivo e cidadão (Choay, 2000).

A Modernidade consolidou os monumentos como “pontos fixos que deveriam incorporar e preservar um ‘misterioso’ sentido de memória coletiva. Preservação do mito pelo ritual – chave para compreensão do significado do monumento [...] e da transmissão de ideias num contexto urbano” (Harvey, 1992, p. 84). O monumento moderno seria, assim, um *edifício personagem* (Argan, 1992), agregando em si o sentido de *unicum*, ou seja, um prédio carregado e expressivo de significantes, ao mesmo tempo histórico e ideal, que se projete com destaque na paisagem. Tal acepção embasaria a análise proposta para o presente estudo.

O Monumento Nacional ao Imigrante Brasileiro, estrategicamente colocado na cidade de Caxias do Sul (RS) em trecho urbano da BR-116, apresenta localização que lhe confere visibilidade urbana e turística, mas sem necessariamente garantir interesse acadêmico que leve ao pleno conhecimento e registro dos processos que envolvem sua história. Significa dizer que, em que pese a importância histórica e simbólica da obra executada pelo escultor Antônio Caringi, registros sobre os processos que levaram à instalação da obra em 1954 ainda são dispersos. Com o presente artigo, portanto, objetiva-se compreender o percurso histórico, social e político que acompanhou sua concepção, execução e instalação, em processos que não estiveram esvaziados de conflitos sociais e políticos.

<sup>3</sup> Ver: Museu Islandês de Feitiçaria e Bruxaria, Hólmavík, Islândia (<https://www.galdrasyning.is/>); Museu da Tortura, Holanda (<https://torturemuseum.org/pt-pt/>); Museu do Bacalhau (<https://historiabacalhau.pt/app/>); Museu dos Brinquedos (<https://www.instagram.com/museudosbrinquedos/>); Museu da Moda (<https://www.instagram.com/museudamodadecanela/>), entre outros.

A metodologia qualitativa descritiva adotada para a coleta e análise de dados prioriza a pesquisa documental em jornais da época, especialmente *O Pioneiro*<sup>4</sup>, tratados como fontes primárias, além de outras fontes disponíveis no Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), de Caxias do Sul. O aporte qualitativo descritivo permite uma postura investigativa aberta ao diálogo interdisciplinar, reforçando o encontro entre História e turismo. Trata-se de situação em que a História contextualiza os fatos no tempo, e o turismo se utiliza dos registros históricos para ressaltar diferenciais que venham a motivar visitação.

Ainda, a análise aqui proposta inspira-se na teoria crítica, que, por ser interdisciplinar, contribui para o entendimento das ações humanas nas suas complexidades, ou seja, *“la ‘crítica’ como una categoría que se ajusta a una teoría que desenmascare y deconstruya las relaciones políticas-socioculturales y los impactos de la práctica del Turismo, tanto en la investigación como en la enseñanza del mismo”* (Jiménez; Nechar; Valdés; Martínez, 2014, p. 327). Para esses autores, a teoria crítica *“propone una actitud donde el científico y la sociedad encuentren un significado a lo producido, un valor social a la ciencia que posibilite la transformación de la totalidad mediante el actuar (praxis), que permita la construcción de un pensamiento crítico”* (p. 330).

Com as perspectivas teóricas e metodológicas destacadas no que segue à presente Introdução, trata-se sobre os efeitos da II Guerra Mundial na região de imigração itálica no extremo sul do Brasil. Apresenta-se, a seguir, descrição do percurso histórico que envolveu a idealização de um monumento em homenagem aos imigrantes e os conflitos decorrentes, seguidos da descrição do papel do bem na oferta turística de Caxias do Sul.

## CONTEXTO HISTÓRICO

O contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) promoveu estranhamentos em relação aos estrangeiros e seus descendentes que viviam no Brasil, especialmente itálicos e germânicos, entre eles os que ocupavam a região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, na atualidade tratada como região turística da Serra Gaúcha. O uso das línguas italiana e alemã fora proibido durante a guerra, em muitos casos atingindo pessoas e comunidades que ainda não dominavam o idioma nacional brasileiro. Na mesma lógica de emudecimento para com os imigrantes, nomes de logradouros foram trocados, como no caso da Praça Dante Alighieri – central na cidade de Caxias do Sul –, redenominada como Praça Rui Barbosa. O período de guerra ainda levou à interrupção de atividades locais identificadas como expressões da italianidade, caso das feiras agrícolas que comemoravam a vindima. Registre-se, ainda, que a Constituição de 1937, editada durante o governo Vargas, havia fechado os legislativos municipais, só reabertos em 1946, com uma nova Carta Magna brasileira (Brocca, 2010; Preis Júnior, 2020; Campos, 2001; De Fáveri, 2006).

---

<sup>4</sup> Este jornal apresenta mais de uma denominação ao longo do tempo, sendo encontrado como *O Pioneiro*, *O Pioneiro do Sul* e *Pioneiro*. Sua primeira versão, a qual tinha como diretor o advogado Elvo Janir Marcon, nasceu em 4 de novembro de 1948 em Caxias do Sul, então com 35 mil habitantes. “Na época, o jornal tinha por trás de si influências de membros do Partido da Representação Popular (PRP), remanescentes da corrente Ação Integralista Brasileira, extinta por Getúlio Vargas, no golpe de Estado de 1937. Porém [...] o veículo logo abandonou as feições partidárias por conveniência comercial e jornalística e se consolidou ao abraçar causas comunitárias como: adoção de novas técnicas na agricultura, instalação da primeira sinaleira de Caxias e a construção do Monumento ao Imigrante, valorizando as raízes italianas locais” (*Pioneiro*, Encarte Especial 60 anos, 2008 *apud* Schleder, 2009, p. 38).

Finda a guerra europeia, houve a necessidade de repensar o efeito do conflito bélico na trajetória dos atores locais, no caso de Caxias do Sul, na construção da cidade e na reafirmação de sua identidade. É possível dizer que o orgulho local seria reafirmado com a realização, em 1948, do Congresso Eucarístico Diocesano, que trouxe até a cidade “milhares de fiéis e dezenas de sacerdotes, além de todos os bispos do Estado” (Caxias [...], 1948). A grandiosidade do evento religioso expressou-se, entre outros, na cerimônia de comunhão envolvendo 12 mil crianças e na procissão de Nossa Senhora de Caravaggio, principal devoção religiosa da região, com significativa participação local e de municípios vizinhos.

O início da década de 1950 foi marcado “[...] pela euforia do progresso técnico e científico (tratores agrícolas desfilaram no curso alegórico [da Festa da Uva] como símbolo desse progresso e todos pareciam olhar para o futuro com esperanças e otimismo)” (Ribeiro; Piazza, 2002, p. 161). A mesma década consolidou a cidade como polo industrial metalomecânico, com o aquecimento econômico levando à ativação da vida social e cultural em clubes e cafés, teatros e salas de cinema, incluindo a instalação da Escola de Belas Artes e do Atelier Zambelli, este último sendo responsável pela criação de imagens de arte sacra para várias localidades da região de imigração italiana. A mesma ativação local viu nascer, em 1948, o jornal *O Pioneiro*, razão pela qual se tomará este periódico como uma das fontes mais importantes para a presente pesquisa.

Na mesma lógica de retomar e prestigiar a identidade local, em 1.º de janeiro de 1949 – na antevéspera dos anos 1950 – o deputado Luiz Campagnoni, em nome do novo jornal *O Pioneiro*, lançou a ideia de eternizar a memória dos imigrantes em um monumento. A população caxiense acompanhou a iniciativa “através da Rádio Caxias, [que] tornava pública a ideia e relatava sua concepção do monumento” (Cavagnolli, 1995, p. 2). Nascia assim o Monumento Nacional ao Imigrante Brasileiro na cidade de Caxias do Sul, obra que seria esculpida pelo artista Antônio Caringi e inaugurada em 1954.

## O MONUMENTO AO IMIGRANTE

A ideia da execução do monumento transbordou a Caxias do Sul, repercutindo em todas as regiões ligadas à presença de italodescendentes no sul do Brasil, em parte pelo fato de que a cidade se preparava para comemorar o 75.º aniversário da chegada, ali, dos primeiros migrantes. No mês de março de 1949 foi lançado o programa *O Monumento em Marcha*, na Rádio Caxias do Sul, destinado a manter a comunidade da região informada sobre o andamento da proposta, tendo como narrador o tenente Artemin Karan.

**Figura 1** – Marco inaugural do Monumento ao Imigrante (da esquerda para a direita, José Zambon, Luiz Compagnoni, Sílvio Toigo e Antônio Caringi)



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (2024)

Ainda em 1949 foi instalada a Comissão Pró-Monumento, tendo em sua composição, além do deputado Luiz Compagnoni, o tenente Artemin Karan, o padre Ernesto Brandalise, o capitão João Evangelista Mendes da Rocha, o advogado Elvo Marcon, o vereador Duilio Gianella e o senhor Reinaldo De Carli, grupo acompanhado por um conselho consultivo. A solenidade de instalação da comissão foi realizada na Câmara de Vereadores, em sessão de fevereiro, aberta às 21 horas pelo deputado Compagnoni. Para secretariar, foi convidado o senhor Elvo Marcon. Conforme fonte de *O Pioneiro*, de 3 de fevereiro, além dos membros da comissão, estiveram presentes no ato: o padre Arnaldo Gasparoto, representando o cura da Sé; Américo Garbin; Sílvio Toigo; Humberto Bassanesi, presidente da Câmara de Vereadores e representando também o senhor Júlio Eberle; o vereador Guerino Zugno.

Na solenidade, Compagnoni registrou que, em conjunto com a Comissão Especial Organizadora dos Festejos do 75.º Aniversário da Colonização, presidida por Júlio Ungaretti, foi autorizada a constituição da [sub]Comissão Pró-Monumento, com o encargo de concretizar o projeto. Entre as atribuições da subcomissão, listava-se: angariar fundos para a execução da obra; discutir as diferentes propostas de execução; envolver no projeto a população e as prefeituras da região, os empresários e as forças políticas. Ainda no mês de fevereiro de 1949 foram realizadas mais duas reuniões, quando foi: aprovado e assinado o Regimento do Conselho Pró-Monumento; realizada eleição da diretoria e do conselho consultivo; encaminhada autorização à diretoria, para as providências iniciais de propaganda e divulgação.

Em 30 de abril de 1949<sup>5</sup>, o tenente Artemin Karan convidou os engenheiros Dario Granja Sant'Ana, Valdemar Juchen e Luiz Niederauer para emitir parecer indicando o local para instalação do Monumento ao Imigrante. Por unanimidade, apontaram o início da Av. Júlio de Castilhos, no alto da encosta que margeia a Estrada Federal [BR-116], um pouco acima da Praça Vestibular Abramo Eberle. Conforme Jimmy Rodrigues, a pedra angular do monumento foi lançada solenemente no dia 26 de fevereiro de 1950, às dez horas, com a presença do presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, do governador do estado do Rio Grande do Sul, Walter Jobim, do ministro Pereira Lira

<sup>5</sup> Ver O monumento [...] (1949).

e do procurador Alceu Barbedo, além de autoridades municipais, membros da comissão executiva e populares. O discurso oficial foi proferido por Joaquim Pedro Lisboa, então segundo vice-presidente da Festa da Uva. O presidente Eurico Gaspar Dutra visitou a Festa da Uva daquele ano, sendo o primeiro presidente do Brasil a prestigiar o evento. Desde então, tornou-se tradição a visita presidencial ao evento caxiense. Destaque-se que a Festa da Uva de 1950 também comemorava os 75 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul.

### Conflitos iniciais

As divergências entre os membros da comissão logo se fizeram presentes, dando-se claramente como desdobramentos de questões ideológicas associadas à recém-finalizada II Guerra Mundial e ao início da Guerra Fria, significativas das tensões internacionais entre capitalismo e socialismo, acirrando disputas locais (Biagi, 2001). Dessa forma, já nos primeiros momentos transparecem desacordos entre o capitão João Evangelista Mendes da Rocha e os demais membros da comissão. O conselho propugnava que a homenagem contemplasse exclusivamente os imigrantes italianos, o que não era aceito por Evangelista. O capitão defendia que deveriam ser incluídos na homenagem os pracinhas que lutaram na II Guerra, contemplando descendentes de lusos, de indígenas e de escravizados africanos, ou seja, estender a homenagem àqueles tidos como os formadores da Nação Brasileira.

O deputado Luiz Campagnoni, presidente da comissão, ligado ao integralismo de Plínio Salgado, havia colaborado na montagem do partido político. Assim, a Associação Integralista Brasileira tinha como base os imigrantes italianos, grande parte da comunidade portuguesa, segmentos médios e altos da sociedade e militares, especialmente na Marinha (Barbosa, 2006). Alguns membros, como Sílvio Toigo, italiano nato, defendiam concepções fascistas. Como registrado por sua filha, Luiza Toigo Tronquini, ele era um leitor assíduo: “Em primeiro lugar, os jornais todos, primeiro de tudo, os jornais. Depois ele tinha livros, tinha muitos livros, tinha a coleção toda do Dante Alighieri, do Plínio Salgado, sei lá... Ele era fascista. Ele era fascista, mas eu digo que ele era um fascista bom”<sup>6</sup>.

Em posição antagônica esteve um militar que defendia a atuação do Exército brasileiro nos campos de batalha da Itália, em luta contra o fascismo italiano, “salvando aquela nação dos ditadores fascistas e nazistas” (Rocha, 1949). A guerra era ainda um episódio recente, sendo perceptíveis as sensibilidades exaltadas sobre as questões ideológicas em disputa. O debate na comissão endureceu quando o capitão atacou os membros do conselho, tratando-os como “fascistas”. Em 12 de fevereiro de 1949, em concomitância com o ato de instalação da comissão na Câmara de Vereadores, o jornal *O Pioneiro* publicava carta em que o capitão João Evangelista Mendes da Rocha demonstrava preocupação com as questões étnicas.

Com relação ao grandioso monumento comemorativo ao 75º aniversário da colonização italiana, nesta região, julgo pô-lo em seus devidos termos, emprestando-lhe a alta e honrosa significação de união de duas Pátrias – Brasil e Itália – acima de tudo, acima de racismo de preferências, predileções ou preconceitos. Devemos, ao mesmo tempo que rendemos nosso preito de admiração ao colono italiano, não esquecer do nosso amado Brasil, que de braços abertos recebeu-o, dando-lhe assistência moral, material e legal,

<sup>6</sup> Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Luiza Toigo Tronquini. Entrevista realizada em 26 de outubro de 2007.

principalmente esta, através de nossas leis beneficentemente liberais, e oferecendo-lhe uma terra dadivosa e farta, convidativa ao seu trabalho fecundo [...] (Duas [...], 1949, p. 1).

Com publicação postada nos jornais, o capitão João Evangelista traz os pracinhas e o Exército brasileiro para criticar as posições ideológicas do conselho. Prossegue sua escrita, na mesma carta publicada em *O Pioneiro* (Duas [...], 1949, p. 2):

De certo que o pracinha – símbolo da eficiência de nosso povo, e descendente de todas as raças, que trabalharam e se ambientaram no Brasil, é o mais significativo dos testes de capacidade por que já passou nossa raça miscigenada. [...] Penso que a denominação de monumento de união de duas Pátrias ou de gratidão nacional diz bem de seu significado, uma vez que a Nação é deveras grata ao esforço dinâmico e realizador do colono italiano em nosso país, assim como ao expedicionário, que, deixando o seu lar concorreu na grande Pátria de Cavour, de Garibaldi e Dante para extirpação do mal que a afligia, retribuindo assim aquele esforço colonizador do imigrante.

O texto do capitão, e as reações a ele, indicam que a defesa do fascismo ainda se fazia presente na comunidade da cidade de Caxias do Sul. As divergências no âmbito da comissão se aprofundaram, levando seus membros a propor a exclusão de João Evangelista. Acusações de ambas as partes levaram à judicialização do confronto de ideias, tornando visivelmente presentes resquícios do fascismo e do integralismo de Plínio Salgado entre os mentores do monumento. O conflito ideológico prosseguiu, ocupando muito espaço na imprensa da época e mantendo-se lembrado e destacado por anos, em edições comemorativas.

Nova carta do capitão João Evangelista de Mendes da Rocha é publicada no jornal *A Época*, em 19 de junho de 1949 (Rocha, 1949), mais uma vez em repúdio às atitudes do Conselho Pró-Monumento. Dessa carta, destaca-se o trecho que provavelmente provocou a ação judicial movida contra o capitão.

Pobre desta terra que possui como mentores elementos achincalhadores dos reais sentimentos de nacionalidade e tão insensíveis aos interesses da Pátria; tidos e havidos no consenso da opinião pública como fascistas saudosistas, ou como para-fascistas ou gananciosos inveterados e conhecidos, a quase totalidade dos membros da comissão, para não dizer toda, porquanto há alguns indiferentes ou simples cópias de personalidades, constitui um acinte ao ideal democrático de nossa gente e é real expressão da verdade histórica, no caso do monumento, uma vez que continuo afirmando, que só três razões orientam os trabalhos ao seio da comissão: 1ª, política pequena de partido; 2ª, espírito racista que procura desmerecer nossa gente e endeusar o elemento imigrante (não o imigrante de modo geral, que nessa região se fez sentir, mas italiano, tão somente); 3ª, o interesse degradante do bolso, em detrimento da nacionalização do monumento (Rocha, 1949).

Percebe-se no texto que o racismo é a tônica principal, fazendo com que as declarações tivessem grande repercussão. Em resposta, a Comissão Pró-Monumento ao Imigrante, considerando-se atacada, abriu processo contra o capitão por crime de injúria. O jornal *O Pioneiro* de 24 de setembro de 1949 destaca com letras maiúsculas, em sua capa: “O Rumoroso Processo da Comissão Pró-Monumento Contra o Cap. João Evangelista Mendes da Rocha”, demonstrando a dimensão conflituosa que os embates atingiram (O rumoroso [...], 1949).

No dia 27 de janeiro de 1950, o acusado capitão do Exército compareceu perante o Tribunal do Júri Singular, presidido pelo juiz Dr. Manoel Brustoni Martins, acompanhado de seus advogados Paulino de Vargas Vares, Voltaire Pires e Renan Falcão de Azevedo. O corpo de jurados foi composto pelos senhores Walfredo Azevedo, Antonio Salatino Netto, Dinarte Cruz, João José Conte e Luiz Ceconello. A acusação foi realizada pelos advogados Angelito e Jamil Aiquel. O júri, por unanimidade, absolveu o acusado. Diante desse resultado, a Comissão Pró-Monumento aos Imigrantes renunciou coletivamente.

Mais ainda, indignados com o resultado do julgamento, a comissão publicou extensa carta no jornal *O Pioneiro* (Demissão [...], 1950), que ocupou duas páginas da publicação, como manifesto explicativo da demissão coletiva. A Comissão da Festa da Uva e dos Festejos dos 75 Anos da Imigração Italiana, presidida por Júlio Ungaretti, não aceitou a demissão do grupo e, no mês seguinte, fevereiro de 1950, formou nova comissão, composta por Luiz Campagnoni, Paulo Tollens, Luiz Napolitano, Américo Garbin, Humberto Bassanesi e Reinaldo De Carli, entre outros, sem a presença do capitão.

É possível concluir que o ano de 1949 foi decisivo para motivar a construção do monumento. Mesmo que carregada de conflitos, as contradições fizeram a sociedade refletir sobre a questão e sobre si mesma. Não faltaram opiniões, indicações e sugestões sobre quem deveria ser incluído nas homenagens. Paranhos Antunes (1949), por exemplo, explica e justifica:

Descerrando o velário do tempo, vamos encontrar o governador da então província de São Pedro do Rio Grande do Sul – João Sertório – convidando Luiz Antônio Feijó Junior, seu amigo particular e conhecedor dessas paragens, para fazerem uma sondagem às terras aos fundos de Nova Palmira, afim [sic] de propor ao Imperador D. Pedro II, a vinda dos imigrantes, já que era seu propósito colonizar esta vasta região onde perlustravam a fera e o índio. E na primeira exploração feita, Luiz Antônio Feijó Júnior acompanhou o governador João Sertório até o alto do local hoje conhecido por Nova Petrópolis, já que era arriscado entrarem mais na mata virgem. [...] E Feijó Júnior, mais tarde, juntamente com os colonizadores, veio habitar estas paragens, auxiliando os imigrantes, no que estivesse ao seu alcance. Ficou assim conhecida na história, Feijó Júnior, como ‘visionário’ desbravador do Campo dos Bugres, merecendo por isso de ser lembrado em destaque no planejamento da colonização destas terras. [...] Assim, se devemos aos imigrantes uma homenagem justa pelo muito que fez, desbravando a mata virgem, com seu trabalho, devemos aqueles brasileiros a homenagem de terem sido os precursores da colonização. Justo pois que, do Monumento em perspectiva, em homenagem ao imigrante, constasse no conjunto uma menção honrosa a Luiz Antônio Feijó Júnior, como “visionário” desbravador do “Campo dos Bugres” [...].

A proposta de Paranhos Antunes concretizou-se na obra do escultor Caringi, representação artística da qual Luiz Antônio Feijó faria parte.

A guerra ideológica entre a Comissão do Monumento ao Imigrante e o capitão João Evangelista Mendes da Rocha não impediu que a proposta contagiasse não só a região, como também se estendesse nacionalmente. Os jornais da época mostram a adesão da população, como destacou em título *O Pioneiro*, afirmando que “Os ‘Diários e Rádios Associados’ farão parte da Comissão do Monumento ao Imigrante Italiano” (1950). Um ano depois, em 24 de fevereiro, o mesmo periódico registrava, entre suas manchetes, “Mobilizado o mundo feminino caxiense” (1951), dando continuidade a

chamadas como “Apôio Integral dos senhores Valter Jobim<sup>7</sup>, José Diogo B. da Rocha e Hugo Candal” (1950). As doações provinham de vários segmentos, como registram os jornais do período. Importante observar que também se poderia eternizar o nome dos antepassados no mármore da cripta, quando o valor da doação fosse de Cr\$1.000,00. Do exterior, o governo italiano ofertou mármore de Carrara para ser utilizado na cripta, como será apresentado adiante.

A tese de que a homenagem deveria ser estendida aos demais povos formadores da Nação tomou forma definitiva quando o presidente da República, agora o gaúcho Getúlio Dornelles Vargas, promulgou a Lei n.º 1801 – A Nação Brasileira ao Imigrante – em 2 de janeiro de 1953, que “autoriza o Poder Executivo, pelo Ministério da Educação e Saúde, o crédito de Cr\$1.500.500,00, para auxiliar a Comissão Executiva do Monumento ao Imigrante, da cidade de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul”. Em seus artigos, a lei registra:

Art. 1.º - É o Poder Executivo autorizado a abrir, pelo Ministério da Educação e Saúde, o crédito especial de Cr\$ 1.500,000,00 (um milhão e quinhentos mil cruzeiros), destinados à Comissão Executiva do Monumento ao Imigrante, da cidade de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, para auxiliar a conclusão das obras do Monumento ao Imigrante, que está sendo erigido sobre a Estrada Federal Rio-Porto Alegre, à entrada daquela cidade.

Art. 2.º - O empreendimento de que trata o artigo anterior será considerado o Monumento Nacional ao Imigrante, homenagem do povo e do Governo aos bravos pioneiros da colonização do país, reconhecimento da Pátria à colaboração do bom imigrante, e terá inscrito, no seu pórtico, a seguinte legenda: A Nação Brasileira ao Imigrante.

Dessa forma, encerrou-se a ruidosa polêmica sobre quem seriam os homenageados pelo monumento.

### O projeto arquitetônico

Por sugestão do historiador João Spadari Adami e com o aval da maioria da Comissão Pró-Monumento, a escultura deveria “representar um casal de imigrantes pioneiros, jovens, corajosos, resolutos [...] acompanhados por um filho” (Ramos, 2015, p. 238). Assim, desde o início, esteve presente a ideia de representar um casal de imigrantes, cercado por objetos significativos de seu trabalho, ou seja, sua vida material e cotidiana. O edital para escolha do escultor executor do projeto foi veiculado no jornal *O Pioneiro*, em 2 de julho de 1949, um sábado.

O edital determinava que o júri seria composto pelos seguintes membros: um arquiteto, representando o Instituto de Arquitetura; um escultor, representando a Sociedade Brasileira de Belas Artes; um historiador, representando o Instituto Histórico e Geográfico; e um representante da Comissão Organizadora do Monumento. Também era determinada a premiação: 1.º prêmio, no valor de Cr\$ 30.000,00<sup>8</sup>; 2.º prêmio, no

<sup>7</sup> Governador do Rio Grande do Sul entre 1947 e 1951.

<sup>8</sup> Corrigidos e considerando alterações de moedas, para 2020 o valor alcançaria cerca de R\$ 72.000,00. As bases de dados consultadas não avançam até 2024.

valor de Cr\$ 20.000,00; 3.º prêmio, no valor de Cr\$ 10.000,00. Estabelecia-se, ainda, que a execução da escultura caberia ao primeiro classificado, sob contrato. Apresentaram maquetes para o concurso os artistas Antônio Caringi, André Arjonas, Pietro Cescon e Estácio Zambelli.

O júri reuniu-se na Biblioteca Pública Municipal de Caxias do Sul no dia 24 de fevereiro de 1950. O primeiro lugar coube ao artista Antônio Caringi, o segundo colocado foi Pietro Cescon, e o terceiro, André Arjonas; Estácio Zambelli foi agraciado com menção honrosa. Após o julgamento, as maquetes foram colocadas para apreciação pública nas dependências da Festa da Uva e Exposição Agroindustrial de 1950.

Antônio Caringi (Pelotas, 1905 – Porto Alegre, 1981) tinha formação na Academia de Belas Artes de Munique, sendo considerado um dos mais importantes escultores brasileiros naquele momento, assim como o mais reconhecido no Rio Grande do Sul. Com o término da Festa da Uva de 1950, as maquetes retornaram ao espaço da Biblioteca Municipal, onde ocorreu novo conflito, agora na forma de depredação das maquetes por vândalos. No calor da hora, o jornal *O Pioneiro* de 17 de fevereiro de 1951 registra:

Barbaramente violentadas as maquetes do Monumento ao Imigrante. Caxias tinha orgulho daquelas belezas de imaginação e arte, que repousavam no salão da Biblioteca Pública. [...] O espetáculo que agora apresentam os salões da Biblioteca Pública é tétrico, chocante, amargo. Vê-se, em cada figura violentada a marca de um ódio amordaçado, vibrando golpes contra as imagens de gesso, na impossibilidade de destruir a grande obra de progresso e dinamismo que os imigrantes burilaram sobre o próprio solo da nova pátria (Covil [...], 1951).

Nenhuma notícia foi encontrada por esta pesquisa, até o momento, apresentando se houve ou não identificação dos vândalos ou outros desdobramentos do caso.

### A execução do monumento

A proposta de Antônio Caringi, modelo vencedor, propunha representar as três fases da vida de Caxias do Sul: (1) o Campo dos Bugres, ou a doação das terras; (2) a valorização da terra pelo trabalho agrícola e industrial, representando o progresso; (3) a nova geração integrada na Pátria presta o seu serviço militar, assegurando a sua soberania (Monumento [...], 1950). Conforme o jornalista Rodrigo Lopes, que assina a matéria em *O Pioneiro*, os rostos foram inspirados nas feições dos imigrantes Luigi Zanotti e Enrica Perini Zanotti, ambos octogenários em 1954, quando a obra foi entregue. Na atualidade, a Lei 2.230, de 11 de agosto de 1975, determinou que a rua do Bairro Planalto, demarcada como 400, recebesse a denominação de Luigi Zanotti, sendo Enrica esquecida.

**Figura 2** – Casal Luigi Zanotti e Enrica Perini Zanotti



Fonte: O bronze [...] (1954)

Deu-se início às modelagens do casal de imigrantes. Coube a Tito Bettini a responsabilidade pela fundição da escultura.

**Figuras 3 e 4** – Esculturas do Monumento Nacional ao Imigrante, na oficina de fundição da Metalúrgica Abramo Eberle S.A.



Fonte: Unidade de Arquivos Privados do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Reportagem de *O Pioneiro* (Em fundição [...], 1952) registra que a oficina de Tito Bettini foi montada anexa à Fábrica de Máquinas Eberle (Maesa), especialmente para os trabalhos do monumento, iniciados de imediato com a moldagem dos negativos para a fundição das gigantescas esculturas.

Nossa reportagem, palestrando com o Sr. Bettini, que já há 25 anos trabalha em nosso país – quase sempre no Rio de Janeiro – informou-nos s.s. [sic] que, dentro de 8 meses, pretende haver deixado o grupo escultórico em condições de ser colocado sobre o pedestal. Bettini é autor da fundição em bronze de

numerosas e afamadas esculturas de diversos autores, como o monumento ao Expedicionário, em Campos, do professor Modestino Canto [Modestino Kanto]; da estátua do Presidente Vargas, de Paulo Mazzuechelli [Paulo Mazzucchelli]; da estátua do Gal. Góis Monteiro, em Maceió; e de numerosas outras obras.

**A edição 19 do *Boletim Eberle*, de 1957, detalhou o processo de fundição da escultura e como a empresa se adaptou para realizar a tarefa.**

A fundição desta monumental obra de arte foi confiada à nossa metalúrgica, e como tal, executada em suas oficinas. Para isto, foi contratado o mestre Tito Bettini, elemento de grande capacidade neste mister. Bettini, aprendeu a difícil arte de Benvenuto Cellini, na esplendorosa Itália, radicou-se em São Paulo, ainda jovem. Anos após, transferiu-se para o Rio de Janeiro, para depois, em 1952, radicar-se definitivamente, na família Maesa. Depois de um ano de duro labor, eis que surgem em todo o seu esplendor, as duas grandiosas figuras do monumento ao Imigrante, agora já em sua forma definitiva, isto é, em “Bronze Fundido” (Secção [...], 1957).

**O mesmo boletim explica o processo para realizar uma peça em bronze com um molde em gesso (normalmente os modelos esculpidos em barro ganham forma em gesso). O trabalho do fundidor resume-se como segue:**

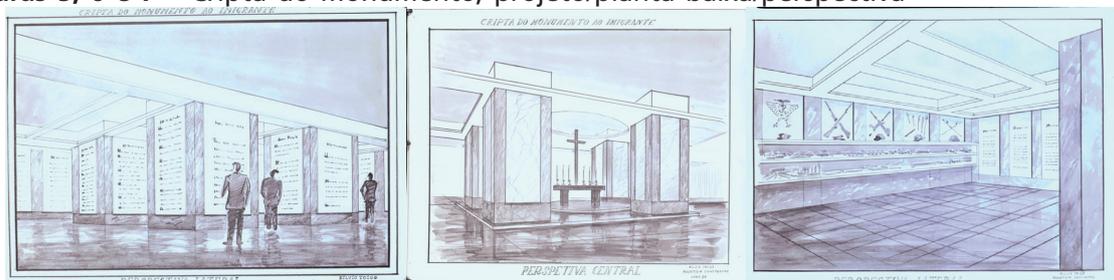
Recebido o modelo em gesso, deve-se tirar um negativo também em gesso, do respectivo modelo. Feito isto, sobre este negativo tira-se em “Cera de Abelha”, um positivo. Este positivo é recoberto com material refratário. O refratário por sua vez, tendo no seu interior o positivo em cera, é levado a um forno, possibilitando que a cera derreta e conseqüentemente, a mesma sairá por orifícios dispostos nos pontos convenientes. Vê-se, portanto, que no interior do refratário, formou-se um vazio, proveniente da fusão e conseqüente saída da cera. Neste momento, é “vazado” o bronze fundido no interior do refratário. Temos aí a peça fundida. Inicia-se, então, o difícil trabalho de retocar o bronze, requerendo esta atividade grande perícia, pois, o retoque deve obedecer com todo o rigor o modelo inicial, ou seja, o modelo de gesso fornecido pelo escultor. Após o retoque, o bronze deve ser “patinado”, ou seja, provocar por processos químicos adequados, uma coloração que o bronze tomaria normalmente, somente depois de muitos anos de estar exposto aos agentes atmosféricos (Secção [...], 1957).

Antes mesmo de a obra escultórica estar pronta, o Atelier Tito Bettini, instalado nas dependências da Máquinas Eberle, e o Atelier de Antônio Caringi, no Rio de Janeiro, recebiam inúmeras visitas, não só dos agentes interessados no monumento, mas também de representantes de outros países, como embaixadores de nações das quais houvesse emigração para o Brasil. No Rio de Janeiro, o presidente Getúlio Vargas, Nereu Ramos, presidente da Câmara dos Deputados, e Ernesto José Annoni, prefeito do município de Carazinho, assim como diversos senadores, deputados e outras autoridades, realizaram visitas para conhecer a maquete do monumento. Getúlio Vargas foi saudado pelo deputado estadual Luiz Alexandre Compagnoni, que aproveitou o momento para explicar que o monumento se compunha de três blocos fundamentais: o primeiro, um casal de imigrantes; o segundo, o obelisco com 25 m de altura e contendo três relevos em pedra; o terceiro, a cripta com 250 m<sup>2</sup>, destinada ao futuro Museu da Imigração.

O grupo central do Monumento, que pode ser considerado obra-prima de Caringi, tem cerca de cinco metros de altura e foi fundida na Metalúrgica Abramo Eberle S. A., desta cidade, sob a direção do mestre Tito Bettini. Pesa 2.920 quilos. Caringi executou esta obra em seu atelier no Rio de Janeiro, ocasião em que foi visitado pelo Presidente da República, em junho de 1952. Os trajes do casal são os de época da imigração: 1875-1885. O vigor e o espírito resolutivo, traços que caracterizam o homem-imigrante, contrastam com os da mulher, que representa a renúncia, o espírito de sacrifício - valores morais consagrados no bronze de Caringi (Monumento [...], 1954).

A ficha técnica da obra de arte pode ser resumida com os seguintes dados: figura do casal com 5 metros de altura, pesando 2.920 quilos, com base em granito; cripta com área de 250 m<sup>2</sup>, em mármore de Carrara na sua sala interna, as portas em bronze. A construção utilizou basalto para formar os pilares de sustentação e as demais partes. O mestre pedreiro José Zambon foi o responsável pela cantaria.

Figuras 5, 6 e 7 – Cripta do monumento, projeto/planta baixa/perspectiva



Fonte: Unidade de Arquivos Privados do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Em 12 de abril de 1952, o governo italiano confirmou a oferta do mármore de Carrara para revestir a cripta, parte interna do monumento, embora haja imprecisão em relação à quantidade de peças utilizadas para tal. Consultados jornais do período, foi possível precisar que o material veio em dois lotes da Itália, uma parte em 1954 e outra em 1958, mas parte do primeiro lote não teria chegado em Caxias do Sul. Em 8 de maio de 1954, o cônsul-geral da Itália no Rio Grande do Sul ofereceu um jantar ao prefeito de Caxias do Sul, Major Euclides Triches, e outras autoridades, para celebrar a chegada do mármore ao cais de Porto Alegre. Em 1954 a cripta ainda não estava forrada com o mármore de Carrara.

Para cortar e lapidar o mármore foi escolhida a empresa Floriani & Cia. Ltda., também de Porto Alegre. *O Pioneiro*, em edição de setembro de 1958, informa que a “Comissão do Monumento ao Imigrante agradece ao Cônsul italiano o mármore que chegou para as obras”. Destaca, ainda, a somatória das quantidades enviadas, conforme correspondência endereçada ao conde de San Marzano, agente consular da Itália:

Temos a honra de acusar o recebimento do seu ofício nr. 2891, de 23 de agosto passado, com o qual V. S. tem a gentileza de comunicar-nos que chegou o mármore da segunda remessa e que, como o embarque anterior, o entregou à firma Floriani & Cia. Ltda., dessa capital, para o trabalho de corte e lapidação. Inteiro-nos de sua informação de que essa última remessa, de 22 blocos com 19 metros cúbicos, acrescida da anterior com 10 metros cúbicos, tudo pois, num total de 29 blocos com 20 metros cúbicos constituem a contribuição do Governo Italiano para o Monumento Nacional ao Imigrante erigido aqui em nossa cidade. [...] Por oportuno, informamos a V. S. que parte desse mármore, já lapidado,

acabamos de recebê-lo nesta cidade e S. Excia. o Presidente Gronchi em sua próxima visita pessoal ao Monumento Nacional ao Imigrante, terá oportunidade de verificar de como se reveste de significado a generosa oferta do Governo Italiano (Comissão [...], 1958).

O texto citado confirma a entrega de dois lotes, mas uma entrevista com José Zambon, realizada pelas historiadoras da Unidade Banco de Memória Oral do AHMJSA, Liliana Alberti Henrichs e Sônia Storchi Fries (Zambon, 1984), chama a atenção, por conta da declaração sobre a falta de parte do mármore enviado pelo governo italiano, que não teria chegado integralmente a Caxias do Sul, conforme registrado nas palavras do entrevistado:

*Aquele trabalho [Monumento ao Imigrante] eu comecei em 1950, fiz aquele serviço lá. E eu, porque sou filho de imigrante, terminei aquilo só por ser filho de imigrante. Porque aquilo eu trabalhei, tive que financiar parte, financiar e receber, acertar as contas quatro anos depois de terminada. Eu terminei em 1954 e acertei a conta em [19]58, sem reajuste, sem juros, sem correção monetária, sem nada. Só por ser filho de italiano e eu queria ver aquela parte terminada. [...] Lá no Monumento tem uma placa lá atrás, não sei se notaram? [...] em uma placa atrás, "serviço de cantaria José Zambon", é tudo cantaria, a pedra (Zambon, 1984).*

#### Ainda segundo depoimento de José Zambon:

*Quando chegou os primeiros blocos, desapareceu metade, não chegou a Porto Alegre. Porque era pra chegar em Porto Alegre e lá cerrar o mármore. Não chegou, uma parte não chegou. Então, o governo da Itália doou mais uma quantia de mármore. Foi depositado em Porto Alegre, na oficina para ser cerrado e polido. Bom, quando foi um certo tempo, quando chegou mais uns cento e poucos metros quase de mármore e o outro disse que tinha entregado tudo. Então, o Garbin e o De Carli me pediram que eu fosse a Porto Alegre, porque, em Porto Alegre, eu tenho um amigo que, se colocam um metro de mármore estrangeiro, ele já sabe onde tá colocado. Então, eu fui lá. Ele me pegou com o auto e me levou onde tinha o mármore. Tinha sido desviado o mármore do Monumento, tinha desviado. Então, eu tomei nota onde estava o mármore, onde tinha sido desviado, né? E depois eu fui lá no Florianópolis e eu pedi onde estava os blocos de mármore. Ele diz: "Está ali". Eu digo: "Mas como estão ali o mármore?" Digo, "Se lá chegou só cento e poucos metros?". Ele disse: "Não, lá foi seiscentos e poucos metros pra Caxias já". Digo: "Não, senhor". Ele diz: "Eu tenho a nota assinada". "Quem foi que assinou a nota?", eu disse. "Você não tem que saber".*

*Bem assim ele me respondeu. E depois ele queria me processar, disse que eu não tinha nada que me meter naquele negócio lá. Ali, vim pra Caxias e disse pra Comissão: "Olha, tem mármore num tal lugar, assim e assim". Dei todos os dados, né? Ali, o Américo Garbin me disse: "Tu vai pra Porto Alegre junto com nós?". Eu digo: "Vou. Vou mostrar onde está todo o mármore colocado". "Então, a semana que vem nós vamos pra lá". Digo: "Tá". Quando foi a semana seguinte, eu pedi: "Como é? Vamos pra lá? Vamos ver?". "Vamos esperar, vamos ver...", uma coisa e outra. Botaram uma pedra em cima e nós não arrumamos nada, não arrumou. E, pra encurtar o caso, depois, quando revestiram o Monumento de mármore, tem mais do que metade tudo de mármore nacional, que o mármore estrangeiro se foi tudo. [...] está revestido por dentro, mas a maior parte com mármore nacional, mármore feio, mal colocado, tudo. A firma que colocou aquilo só procurou enterrar. Até o padre Eugênio Giordani chegou ali e disse: "Mas, pelo amor de Deus, não aceite esse mármore, ali. Vê que está mal colocado, mal cerrado. É o Monumento Nacional ao Imigrante. Deve ser uma coisa perfeita". Mas que nada! (Zambon, 1984).*

Sr. Zambon não participou das obras de finalização do monumento, pois, como afirma, trabalhou até 1954, e levaria ainda um bom tempo para a cripta ser concluída. A edição do jornal *Diário de Notícias* de 22 de dezembro de 1957 esclarece as condições para gravar o nome<sup>9</sup> dos doadores no mármore de Carrara.

Os cooperadores do Monumento terão também inscritos seus nomes na Cripta. A Comissão, nesta nova fase, resolveu estabelecer três categorias de cooperadores: os Legionários, aqueles que contribuíram com um mínimo de três mil cruzeiros; os Benfeitores e os Beneméritos, os quais deram contribuições maiores. O título de Legionário do Monumento será destinado às pessoas físicas, os outros para as pessoas jurídicas e entidades públicas. A Comissão examinará o montante de todas as contribuições para dar-lhes a homenagem devida – já que a obra que se realiza se destina a testemunhar para as gerações futuras a compreensão e a generosidade da geração presente (Recursos [...], 1957).

Essas notícias são reforçadas constantemente na mídia da época, com o intuito de incentivar a arrecadação de valores para concluir a cripta, obra nunca finalizada. Esta pesquisa não encontrou a documentação da Comissão Pró-Monumento ao Imigrante e, dessa forma, não foi localizada a listagem de pessoas que doaram fundos financeiros. O número de doações foi expressivo, mas não são encontrados registros sobre elas, assim como se desconhecem demonstrativos de sua aplicação. Na atualidade há ausência de documentação, do mesmo modo como nenhum nome de doador foi inscrito no mármore. A arrecadação de fundos para o monumento deu-se conforme matéria publicada no *Diário de Notícias* em 22 de dezembro de 1957 (Recursos [...], 1957, p. 5):

Os recursos poderão ser enviados a qualquer dos membros da Comissão: Deputado Luiz Compagnoni, Palácio Tiradentes, Rio/DF; Américo Garbin e Humberto Bassanesi, na Metalúrgica Eberle, Caxias do Sul (RGS); Reinaldo De Carli, na Industrial Madeireira, Caxias do Sul, (RGS); e Sílvio Toigo, na Cooperativa de Tungue, Caxias do Sul (RGS). A todos que contribuírem, na forma acima estabelecida, além da inscrição do nome na Cripta ou do nome do pioneiro que o contribuinte escolher, será fornecido um diploma atestando o fato.

O jornal *O Pioneiro* de maio de 1953 divulgou uma extensa lista com nomes de doadores (Inscrição [...], 1953). A nota da comissão, porém, esclarece:

Considerando que somente os que contribuíram com mil cruzeiros ou mais, terão direito a inscrever seu nome, ou outro de sua escolha, nas paredes da Cripta do Monumento; resolve tornar pública a relação de pessoas que satisfazem a exigência citada, isto é, contribuíram com as obras com mil cruzeiros ou mais.

Para ajudar a angariar fundos para o Monumento ao Imigrante, o deputado Campagnoni palestrou para a ala feminina dos clubes de Caxias do Sul, buscando receber ajuda para tal tarefa. Ele diz: “Senhoras e senhorias [*sic*] da nossa melhor sociedade estão angariando assinaturas para as listas de contribuições populares”. Mais adiante, nesse mesmo texto, registra:

Ricos e pobres, milionários ou proprietários, todos poderão e deverão participar dele. Os que têm maiores possibilidades, deverão subscrever uma

<sup>9</sup> Esta pesquisa recebeu a informação extraoficial de que na década de 1980 foram realizadas algumas melhorias no monumento e nesse momento foram retiradas diversas placas metálicas, com nomes de pessoas, e descartadas. Não foi possível comprovar essa informação nos documentos até agora consultados.

“carta compromisso” [sic], onde é possível, dentro do espaço de dois anos, integralizar uma quantia maior. As listas das contribuições populares, porém, têm como objetivo colher a assinatura de todos. Da reunião das listas será feita uma encadernação que, colocada no interior da cripta do Monumento, dará possibilidades, no futuro, de proclamar o nome daqueles que participaram deste movimento popular.

As arrecadações também tiveram a adesão de empresas que mobilizaram seus funcionários. A reportagem de *O Pioneiro do Sul* (O povo [...], 1951) divulga esse fato.

Todos contribuíram para a construção do Monumento. Operários e operárias, dirigentes e funcionários, todos os que exercem função na firma SEHBE & Cia., cerca de trezentos [sic], inscreveram seu nome nas listas das “Contribuições Populares Pró Monumento ao Imigrante”. Foi um belíssimo gesto coletivo de solidariedade e de compreensão. Logo depois de terem feito a própria assinatura, foram fotografados em frente ao imponente edifício daquela fábrica.

Mais uma lista é divulgada nessa mesma reportagem do dia 3 de março de 1951: “Listas para as ‘Contribuições Populares’ estão recolhendo assinaturas nas seguintes entidades e firmas” (O povo [...], 1951). As arrecadações estenderam-se para o interior, onde residia a população rural, utilizando-se das capelas lideradas pelo padre Ernesto Brandalise, que fazia parte da Comissão Pró-Monumento.

O prefeito de Caxias do Sul na época, Luciano Corsetti (dez. 1947 a dez. 1951), convidou os prefeitos dos municípios vizinhos, além dos de Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Taquara, Caí e Montenegro, para participarem de uma reunião com o objetivo de encontrar a melhor forma de cooperação para viabilizar o monumento. A adesão de prefeituras foi destacada em manchetes pela imprensa. No jornal *O Pioneiro* de 1.º de abril de 1997, a coluna “Pioneiro Memória” rememorou o registro de 14 de abril de 1951, destacando que o então prefeito de Antônio Prado, Waldemar Grazziotin, “a fim de melhor colaborar com a retirada da terra do local, onde se erigir o monumento, enviou um caminhão da prefeitura” (Pioneiro [...], 1997). A Câmara de Vereadores de Caxias do Sul havia aprovado projeto do vereador Guerino Zugno para doação de 100 mil cruzeiros para o monumento (1951).

O *Correio Riograndense* (Monumento [...], 1953) informou, na mesma linha de captação de fundos, que os interessados em colocar os seus nomes na cripta deveriam fazer uma contribuição no valor de pelo menos mil cruzeiros. Em entrevista publicada em *O Pioneiro* (Reinício [...], 1957), o deputado federal Luiz Compagnoni informou que, juntamente com a Comissão do Monumento ao Imigrante, iria “traçar normas para uma nova fase de trabalho, nesta grandiosa obra, em homenagem aos pioneiros da imigração”. Note-se que novamente solicita a colaboração da população, para que contribua colocando os nomes dos antepassados.

## PATRIMÔNIO E TURISMO

A partir da Revolução de 1789, a França consagrou o conceito de patrimônio. O Estado Nacional francês surgiu do princípio de que um conjunto de cidadãos que compartilhassem língua e cultura, um mito de origem e um território, mantidos e

consagrados por meio de símbolos (hino e bandeira nacional, entre outros) e monumentos estrategicamente colocados em destaque na paisagem, constituiria a Nação. Dessa forma, para este estudo, o Monumento Nacional ao Imigrante pode ser apresentado como significativo do histórico e do cultural associados à imigração italiana chegada ao extremo sul do Brasil nas décadas finais do século XIX, influenciando e consagrando um discurso identitário local. Temos, portanto, a italianidade como imaginário identitário consagrado pelo monumento, em que pesem as polêmicas associadas à sua concepção e concretização.

No ano de 2005, o então deputado estadual Ruy Pauletti, como representante de Caxias do Sul na Assembleia Legislativa Estadual, encaminhou um projeto de lei indicando o Monumento Nacional ao Imigrante como Patrimônio Histórico do Estado. O pedido foi aprovado pela Lei 198, de 28 de agosto de 2005, declarando o monumento como bem cultural integrante do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Rio Grande do Sul. Em 19 de outubro de 2007, o mesmo bem foi tombado localmente, por iniciativa do então secretário municipal da Cultura, Antônio Feldmann, tendo como dispositivos legais a Lei 3.152, de 20 de agosto de 1987, regulamentada pelo Decreto n.º 6.164, de dezembro de 1967. Fazem parte do conjunto tombado: as duas esculturas em bronze, representando um casal de imigrantes, de autoria de Antônio Caringi; a torre; a cripta revestida de mármore, inclusive o altar ali instalado; duas portas de bronze, da cripta e da torre; os três baixos-relevos, em cimento, fixos à torre.

**Figura 8** – Monumento Nacional ao Imigrante



Fonte: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul

O conjunto está localizado na Estrada Federal BR-116, lote administrativo n.º 2, quadra n.º 1.658, matrícula n.º 26.802, do Ofício de Registro de Imóveis da 2.ª Zona. O processo administrativo tem o n.º 1999/17621-5, sendo assinado pelo então presidente da Comissão Específica e Permanente para Proteção do Patrimônio Histórico e Cultural de Caxias do Sul, Antonio Feldmann. O processo está registrado no Livro Tombo (2023) do município, na sua página 33.

Conforme a página *online* da Secretaria Municipal de Turismo, “os principais atrativos históricos e culturais de Caxias do Sul envolvem parques, praças, museus, igrejas e prédios históricos. A área central da cidade concentra boa parte deles, mas também há atrativos localizados nos distritos e no interior do município” (Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 2024). O Monumento ao Imigrante consta como um dos atrativos, com as seguintes considerações:

Já o Monumento Nacional ao Imigrante, com abrangência nacional, celebra e homenageia todos os imigrantes que vieram para o Brasil, representados por um casal de imigrantes, forjados em bronze, na tradicional metalúrgica caxiense Abramo Eberle S.A., a partir do molde produzido pelo artista pelotense Antônio Caringi. O monumento foi inaugurado em 1954 pelo então presidente Getúlio Vargas, durante a Festa Nacional da Uva. Na cripta junto ao monumento, há o Museu do Imigrante, que apresenta objetos, painéis e fotos com foco na pluralidade étnica e na valorização da mulher no processo de imigração (Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 2024).

Embora o monumento conste como um dos importantes atrativos da cidade, na página *online* da Prefeitura se pode ler: “O Monumento é aberto ao público, o museu está temporariamente fechado” (Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 2024). O acesso ao monumento estaria fechado para visitação, em função de problemas e razões que não são apresentados ao cidadão e ao possível turista. A abertura restringe-se a momentos especiais, como o período de realização da Festa da Uva, principal evento da cidade<sup>10</sup>.

Olhando para outra plataforma dedicada a dicas sobre espaços turísticos, a TripAdvisor (2024), constata-se que a postagem mais recente sobre o monumento data de 2020. Percorrendo aleatoriamente os comentários postados, um deles, com data de fevereiro de 2019, esclarece: “Tem um museu embaixo do monumento, que é bem simples. Acredito que poderiam ter colocado mais peças da época e ser mais interessante. Monumento importante, mas maltratado”. Em 2017 alguém escreveu:

Faz parte do roteiro turístico da Cidade, busca homenagear os imigrantes [sic] com uma estátua imponente, que deve ter custado muito. E no máximo a praça está limpa, mas o cuidado geral, não. Acho que a Prefeitura deveria ter mais atenção a algo que representa tanto aos filhos da terra. Símbolo de Caxias do Sul.

Em outra postagem do mesmo ano, assinada como Casal, a perspectiva é mais otimista:

Já o conhecia por passar em frente, porém ainda não o havia visitado. O monumento conta com um pequeno museu sobre a imigração e também dispõe de orientação qualificada de guias estudantes de história da UCS [Universidade de Caxias do Sul]. Vale a visita. Mostra um pouco da história da colonização Italiana na região de Caxias do Sul.

Ainda em 2017, há comentários postados em julho e agosto. Um deles expressa: “É um ambiente pequeno que não tem muitos atrativos, mas para uma parada de uns 15 minutos, não é necessário mais que isso para ver tudo, compensa. Paradinha rápida”. O segundo registra:

Local simples demais, um monumento até que bem construído, ponto turístico da cidade, contém um museu abaixo do monumento, mas está sempre fechado. O local ao redor é lindo, cheio de plátanos, no outono fica lindíssimo. Porém o mesmo é violento, vandalismo, assaltos e prostituição estão em alta por aí.

<sup>10</sup> Conforme o diretor de Museus de Caxias do Sul, Dr. Itamar Ferreto Comaru, o monumento foi aberto para a Festa da Uva de 2024 e a perspectiva é de que permaneça aberto e passe por um restauro.

Antes da chegada dos lugares “instagramáveis”, em 2016 já se escrevia sobre o monumento: “Local simples demais, apenas um monumento para tirar algumas fotos”.

Portanto, constata-se que o diálogo do turismo com o monumento está esgarçado, sua presença como sugestão de visita em roteirizações na cidade de Caxias do Sul apresenta dificuldade de concretização. Outra evidência que transparece nos comentários é de que a italianidade associada ao monumento ainda se sobrepõe a outras possíveis associações étnicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Monumento ao Imigrante Brasileiro é um patrimônio rico em História e histórias de viés político e cultural, mas ainda não plenamente disponibilizado a visitas, mesmo que incluído nas ofertas turísticas locais. A cronologia a seguir (quadro 1) busca destacar os principais momentos associados, direta ou indiretamente, à trajetória que levou da concepção à concretização do monumento.

**Quadro 1** – Cronologia associada ao Monumento Nacional ao Imigrante, em Caxias do Sul

1915	Fundado o Atelier Zambelli pelo escultor Michelangelo, especializado em arte sacra.
1948	Congresso Eucarístico Diocesano, em Caxias do Sul, alimentando o orgulho local.
1948	Nasce o jornal <i>O Pioneiro</i> .
1949	Criação da Escola de Belas Artes.
1949 (jan.)	Deputado Luiz Campagnoni, em nome do novo jornal <i>O Pioneiro</i> , lança a ideia de criar um monumento à memória dos imigrantes; a cidade se preparava para comemorar o 75.º aniversário da imigração italiana.
1949 (fev.)	Instalada a Comissão Pró-Monumento e seu Conselho Consultivo, subcomissão da Comissão de Comemorações do 75.º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul.
1949	Já nos primeiros momentos transparecem desacordos entre o capitão João Evangelista Mendes da Rocha e a comissão, que tinha muitos dos seus membros simpatizantes do integralismo e do fascismo. O militar propunha homenagear outras etnias e não apenas os imigrantes itálicos. Diferenças acabam na Justiça.
1949 (mar.)	Lançado na Rádio Caxias do Sul o programa <i>O Monumento em Marcha</i> , destinado a manter a comunidade informada sobre o andamento da produção do monumento.
1949 (abr.)	Convidados os engenheiros Dario Granja Sant’Ana, Valdemar Juchen e Luiz Niederauer para emitir parecer sobre local para instalação do Monumento ao Imigrante, indicando a BR-116, altura do início da Av. Júlio de Castilhos.
1949 (19/6)	Capitão João Evangelista Mendes da Rocha publica no jornal <i>A Época</i> uma carta de repúdio às atitudes do conselho.
1949 (jul.)	Divulgado edital para escolha de propostas de escultores para o monumento; concorrem Antônio Caringi, André Arjonas, Pietro Cescon e Estácio Zambelli.
Anos 1950	Caxias do Sul consolida-se como polo metalomecânico, ativando vida social e cultural.

Continua...

Continuação do quadro 1

1950 (27/1)	O capitão João Evangelista Mendes da Rocha comparece perante o Tribunal do Júri Singular, acusado pela Comissão Pró-Monumento, sendo absolvido. A comissão renuncia, em extensa carta publicada no jornal <i>O Pioneiro</i> .
1950 (24/2)	Divulgado resultado da avaliação das propostas para o monumento: Antônio Caringi (vencedor), Pietro Cescon (2.º lugar), André Arjonas (3.º lugar) e Estácio Zambelli (menção honrosa).
1950 (26/2)	Lançada pedra angular do monumento, com a presença do presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, e do governador do estado, Walter Jobim.
1950 (abr.-maio)	Inicia-se mobilização para arrecadação de fundos em prol da obra.
1951 (5/2 a 9/2)	Maquetes em exposição são depredadas.
1951 (25/2)	Os diários e rádios associados passam a integrar a Comissão do Monumento ao Imigrante.
1951	Câmara de Vereadores aprova projeto do vereador Guerino Zugno para doação de 100 mil cruzeiros para o monumento.
1952	Oficina de Tito Bettini é montada anexa à Metalúrgica Abramo Eberle S/A (Maesa II) para os processos de fundição das esculturas.
1952 (12/4)	Governo italiano confirma a oferta do mármore de Carrara para forrar a parte interna do monumento: a cripta.
1953 (2/1)	Presidente Getúlio Vargas promulga lei que doa Cr\$1.500.500,00 para auxiliar a comissão, tratando o monumento como Monumento Nacional ao Imigrante.
1954 (28-2)	Inaugurado o Monumento Nacional ao Imigrante Brasileiro, em Caxias do Sul, com presença do presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas.
2005	Lei 198/2005 declara o monumento como integrante do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Rio Grande do Sul.
2007	Monumento Nacional ao Imigrante é registrado no Livro Tombo da municipalidade de Caxias do Sul.

Fonte: Dados de pesquisa

Como apontado no quadro 1, o Monumento Nacional ao Imigrante Brasileiro registra em sua trajetória os conflitos e as tensões do momento histórico em que foi concebido, porém demonstra também que em sua gênese há uma cidade que apresentava condições socioculturais para sua realização. As contradições e os conflitos estiveram, em muito, associados ao momento belicoso da II Guerra Mundial e ao imediato pós-guerra. A dita Guerra Fria que se seguiu, marcada pelo conflito ideológico entre Estados Unidos e a então República Socialista Soviética, se fez presente na cidade, onde e quando o ser italo-descendente poderia significar ser simpatizante (ou não) da ideologia fascista.

Consagrado o monumento em posição estratégica na cidade e apresentado como um de seus cartões-postais, ainda carece de atenção e cuidados. Mesmo que a municipalidade propugne políticas de incentivo ao turismo cultural e de qualificação da sociedade, o monumento não tem estado aberto à visitação quer por moradores, quer por turistas. A comunidade, que participou ativamente de sua instalação, até mesmo com doações financeiras, em tempos recentes tem sido obstruída de visitá-lo. A situação, talvez, não seja significativa apenas de Caxias do Sul, mas poderia exemplificar o que se dá em relação a outros itens do patrimônio nacional, mesmo que magníficos.

Haveria muito mais para ser dito sobre esse monumento, que pode ser pesquisado por vários vieses, tais como a arte, o artesanato, a metalurgia, a mobilização política, social e econômica. A simbologia presente no monumento, seus significados e expressão da sensibilidade local em relação à restituição da honra regional diante da Nação, portanto, é merecedora de um estudo mais aprofundado. O espaço interno do monumento, como a cripta, não é adequado para abrigar um museu, mas poderia suportar temas de interesse da educação patrimonial. As paredes internas estão revestidas com painéis e fotografias representativas de várias etnias, entretanto os textos ali presentes são longos e em formato inadequado em termos do recomendado pelas técnicas museológicas para facilitar a leitura e a compreensão. Acredita-se que seria mais proveitoso usar o espaço interno para mostrar a vida e a obra de Antônio Caringi ou as contradições históricas, o que tornaria o monumento mais contributivo para o desenvolvimento do turismo e para a educação patrimonial.

## REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A ascensão da ação integralista brasileira (1932-1937). **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 6, 2006.

BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário da Guerra Fria. **Revista de História Regional**, v. 6, n. 1, p. 61-11, 2001.

BROCCA, Lionei Alves. **As perseguições aos “Súditos do Eixo” através das páginas do jornal *Correio do Povo* durante a Segunda Guerra Mundial**. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. Olhares sobre a Segunda Guerra Mundial no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 8, n. 3, 2001.

CAVAGNOLLI, Anelise. **A nação brasileira ao imigrante: construção de um referencial para Caxias do Sul, 1995** (livreto).

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: 70, 2000.

CORREIA, António Martino Venhuizen. **Estelas e estátuas-menires no Centro e Norte de Portugal e Sudoeste da Meseta Superior**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Coimbra, Portugal, 2010.

DE FÁVERI, Marlene. A repressão no Governo Vargas e as medidas coercitivas aos simpatizantes do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial. **Cena Internacional**, v. 8, n. 2, p. 193-216, 2006.

ERBES, Luiz Carlos. **Festa da Uva: a alma de um povo**. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2012.

GASTAL, Susana. Museu e turismo: a complexa relação com o tempo e a memória. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v. 4, n. 1, p. 85-103, 2010.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

JIMÉNEZ, Celeste Nava; NECHAR, Marcelino C.; VALDÉS, Rubén M.; MARTÍNEZ, Elva E. V. La crítica en el pensamiento turístico. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v. 6, n. 3, p. 324-341, 2014.

O PIONEIRO. Caxias do Sul, 3 fev. 1949.

PREIS JÚNIOR, Egar. O perigo alemão nas colônias do estado de Santa Catarina: Era Vargas e Segunda Guerra Mundial. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales (RCCS)**, n. 3, p. 41, 2020.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. As cidades e seus monumentos: um estudo sobre a imigração italiana em Buenos Aires e Caxias do Sul. **Almanack**, n. 17, p. 224-247, 2017.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. Os imigrantes e seus patrimônios: entre o real e o imaginário. *In*: RADÜNZ, Roberto; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (org.). **Imigração e sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2015.

RIBEIRO, Cleodes Maria; PIAZZA, Julio. **Festa & identidade: como se fez a Festa da Uva**. Caxias do Sul: Educus, 2002.

SCHLEDER, Adriana dos Santos. **A Festa Nacional da Uva de Caxias do Sul/RS: o discurso para além das palavras**. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. Entre o paraíso e o inferno. *In*: **Arte pública**. São Paulo: Sesc, 1998.

TRONQUINI, Luiza Toigo. **Luiza Toigo Tronquini**. [Entrevista]. Caxias do Sul: Unidade Banco de Memória Oral do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, 26 out. 2007.

ZAMBON, José. **Monumento ao Imigrante**. [Entrevista cedida a] Liliana Alberti Henrichs e Sônia Storch Fries. Caxias do Sul: Unidade Banco de Memória Oral do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, 2 e 11 abr. 1984.

## CONSULTAS ELETRÔNICAS

APÔIO integral dos srs. Valter Jobim, José Diogo B. da Rocha e Hugo Candal. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano II, n. 42, p. 1, 15 abr. 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/885959/841?pesq=%22O%20Pioneiro,%2015-4-1950%22>. Acesso em: 6 dez. 2024.

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI. **Página inicial**. Disponível em: <https://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/>. Acesso em: dez. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 1.801, de 2 de janeiro de 1953**. Autoriza o Poder Executivo a abrir, pelo Ministério da Educação e Saúde, o crédito especial de Cr\$1.500.000,00, para auxiliar a Comissão Executiva do Monumento ao Imigrante, da cidade de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1953. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/l1801.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l1801.htm). Acesso em: dez. 2024.

CAXIAS vive momentos de glória com o 1. Congresso Eucarístico Diocesano! **O Momento**, Caxias do Sul, ano XVI, n. 786, p. 1, 8 maio 1948. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/882615/3973?pesq=%22Congresso%20Eucarístico%20Diocesano%22>. Acesso em: 6 dez. 2024.

COMISSÃO do Monumento ao Imigrante agradece ao Consul Italiano o marmore que chegou para as obras. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano X, n. 48, p. 4, 20 set. 1958. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=O%20grupo%20central%20do%20Monumento&pagfis=6287>. Acesso em: nov. 2024.

COVIL de vândalos em Caxias. **O Pioneiro do Sul**, Caxias do Sul, ano III, n. 18, p. 1, 17 fev. 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/885959/1281?pesq=%22Barbaramente%20violentadas%22>. Acesso em: 23 maio 2024.

DEMISSÃO coletiva dos membros da Comissão Executiva do Monumento ao Imigrante. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano II, n. 13, p. 7, 28 jan. 1950. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=O%20Rumoroso%20Processo%20da%20Comiss%C3%A3o%20Pr%C3%B3-Monumento%20Contra&pagfis=689>. Acesso em: dez. 2024.

DUAS proveitosas reuniões. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano I, n. 15, p. 1-2, 12 fev. 1949. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/885959/148?pesq=%22João%20Evangelista%20Mendes%20da%20Rocha%22>. Acesso em: 6 dez. 2024.

EM FUNDIÇÃO o Grupo Escultórico do Monumento ao Imigrante. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano V, n. 4, p. 1, 22 nov. 1952. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&pesq=%22Enrica%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2513>. Acesso em: 6 dez. 2024.

INAUGURADO mais um grupo escolar em Caxias do Sul. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, n. 194, p. 6, 22 out. 1957. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/093726\\_03/17509?pesq=%22Cripta%22](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/093726_03/17509?pesq=%22Cripta%22). Acesso em: 22 maio 2024.

INSCRIÇÃO do nome na cripta. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano V, n. 31, p. 10, 23 maio 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/885959/2783?pesq=%22mil%20cruzeiros%20ou%20mais%2>. Acesso em: 22 maio 2024.

MOBILIZADO o mundo feminino caxiense. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano III, n. 20, p. 1, 24 fev. 1951. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=Di%3%A1rios%20e%20R%3%A1dios%20Associados%20far%3%A3o%20parte%20da%20Comiss%3%A3o%20do%20Monumento%20ao%20Imigrante&pagfis=1295>. Acesso em: dez. 2024.

MONUMENTO ao Imigrante. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano II, n. 35, p. 1, 15 mar. 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/885959/793?pesq=1950>. Acesso em: 6 dez. 2024.

MONUMENTO ao Imigrante sôbre a Estrada Federal Caxias do Sul: coopere para a sua construção. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, ano 44, n. 25, 1.º jul. 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/882054/2436?pesq=%22nomes%20na%20cripta%22>. Acesso em: 6 dez. 2024.

MONUMENTO Nacional ao Imigrante. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, n. 18, p. 12, 27 fev. 1954. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=O%20grupo%20central%20do%20Monumento&pagfis=3133>. Acesso em: nov. 2024.

O BRONZE do monumento arrancou lágrimas do velho casal de imigrantes. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano VI, n. 11, p. 1, 9 jan. 1954. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&pesq=%22Enrica%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3062>. Acesso em: 28 nov. 2024.

O MONUMENTO em marcha. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano I, n. 26, p. 1, 30 abr. 1949. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=885959&pagfis=256>. Acesso em: nov. 2024.

O POVO inscreve seu nome no Monumento ao Imigrante. **O Pioneiro do Sul**, Caxias do Sul, ano III, p. 1, 3 mar. 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/885959/1313?pesq=%22Todos%20contribuíram%20para%20a%20construção%20do%20Monumento%22>. Acesso em: 6 dez. 2024.

O RUMOROSO processo da comissão pro' monumento ao imigrante contra o cap. João Evangelista Mendes da Rocha. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano I, n. 47, p. 1, 24 set. 1949. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=O%20Rumoroso%20Processo%20da%20Comiss%3%A3o%20Pr%3%B3-Monumento%20Contra&pagfis=468>. Acesso em: dez. 2024.

OS “DIARIOS E RADIOS ASSOCIADOS” farão parte da Comissão do Monumento ao Imigrante Italiano. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano II, n. 19, p. 4, 25 fev. 1950. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=Di%20C3%A1rios%20e%20R%20C3%A1dios%20Associados%20far%20C3%A3o%20parte%20da%20Comiss%C3%A3o%20do%20Monumento%20ao%20Imigrante&pagfis=732>. Acesso em: 2 dez. 2024.

PARANHOS ANTUNES, Duminiense. Luiz Antonio Feijó Junior: O “Visionário” desbravador do “Campo dos Bugres”. **O Momento**, Caxias do Sul, ano XVII, n. 848, p. 1, 16 jul. 1949. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=104523&pesq=Descerrando%20o%20vel%20C3%A1rio%20do%20tempo&pagfis=4224>. Acesso em: 2 dez. 2024.

PIONEIRO Memória: 1951 – 14 de abril. **Pioneiro**, Caxias do Sul, ano 49, n. 6.650, p. 10, 1.º abr. 1997. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/885959/236259?pesq=%22prefeito%20de%20Ant%C3%AAnio%20Prado,%20Waldemar%20Grazziotin%22>. Acesso em: 6 dez. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. **Monumento Nacional ao Imigrante**. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/servicos/cultura/museus/monumento-nacional-ao-imigrante>. Acesso em: jan. 2024.

RECURSOS para a nova fase do monumento. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano XXXIII, n. 245, p. 33, 22 dez. 1957. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/093726\\_03/18866?pesq=%22inscri%C3%A7%C3%A3o%20do%20nome%20na%20Cripta%22](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/093726_03/18866?pesq=%22inscri%C3%A7%C3%A3o%20do%20nome%20na%20Cripta%22). Acesso em: 6 dez. 2024.

REINÍCIO das obras do Monumento ao Imigrante. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, ano X, n. 8, p. 1, 21 dez. 1957. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&Pesq=tra%20c3%a7ar%20normas%20para%20uma%20nova%20fase&pagfis=5718>. Acesso em: dez. 2024.

ROCHA, João Evangelista Mendes da. Carta aberta aos srs. membros da Comissão Pró Monumento. **A Época**, Caxias do Sul, ano XI, n. 625, p. 3, 19 jun. 1949. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=882089&pesq=Pobre%20desta%20terra%20que%20possui%20como%20mentores&pagfis=1531>. Acesso em: dez. 2024.

SECÇÃO de fundição artística. **Boletim Eberle**, Caxias do Sul, ano II, n. 19, p. 15-16, dez. 1957. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=882194&pasta=ano%20195&pesq=A%20fundi%C3%A7%C3%A3o%20desta%20monumental%20obra%20de%20arte&pagfis=215>. Acesso em: nov. 2024.

TRIPADVISOR. **Página inicial**. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/>. Acesso em: 23 mar. 2024.